



4ª Conferência do PNUM Morfologia Urbana e os Desafios da Urbanidade Brasília, 25 e 26 de junho de 2015

## **Notas sobre três das grandes narrativas da arquitetura e do urbanismo: tipologia, morfologia urbana e paisagem**

**DIAS, Fabiano Vieira (1); CAMPOS, Martha Machado (2)**

(1) Curso de Arquitetura e Urbanismo, Faculdades Integradas de Aracruz (FAACZ-ES), fabiano@urbearquitetonica.com.br,  
telefone: 55 027 3082 6637;

(2) Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)  
marthamcampos@hotmail.com, telefone/fax: 55 027 4009 2024

### **Resumo**

A hipótese deste artigo se baseia na possibilidade da arquitetura dialogar e agenciar, num mesmo corpo edificado, e de modo inter-relacionado, aspectos relativos à tipologia, morfologia urbana e paisagem. Lamas explica que, como disciplina, a morfologia urbana agrega para si não somente o ambiente construído, mas os meios pelos quais este foi construído em sua interação com a forma urbana, ou seja, os “fenômenos sociais, econômicos e outros motores da urbanização” (LAMAS, 1992). Entende-se por grandes narrativas a capacidade que os campos de pesquisa da arquitetura e urbanismo possuem, de forma integrada, de comunicar e traduzir a história da cidade, no tempo e no espaço. As narrativas seriam, nos termos de Roland Barthes, formadas por estágios históricos, completados então, em sua existência, por “encadeamentos”, em que a linha principal da narrativa seria alimentada por eixos verticais de acontecimentos e fatos (BARTHES *in* BARTHES, 1976). As três grandes narrativas que estruturam o interesse deste estudo são correlacionadas analiticamente, preservando suas especificidades.

### **Palavras-chave**

Tipologia, Morfologia Urbana, Paisagem, Arquitetura, Urbanismo

### **Abstract**

*The article's assumption is based on the possibility of dialogue and management of architecture, on the same built body, in a related way, aspects of typology, urban morphology and landscape. Lamas explains that, as discipline, urban morphology brings into itself not only the built environment, but the ways in which it was built in your interaction with urban form, in another way, the "socials, economics phenoms and another phenoms of urbanization enhancing" (LAMAS, 1992). It is understood by great narratives the ability of architecture and urbanism research fields have in an integrated way, to communicate and translate the city's history, in time and space. Narratives would be, according to Roland Barthes, formed by historical stages, completed then in existence, by "threads", in which the main narrative line would be powered by vertical axes of events and facts (in Barthes Barthes, 1976). The three grand narratives that structure the interest of this study are analytically correlated, preserving their specificities.*

### **Keywords**

*Typology, Urban Morphology, Landscape, Architecture, Urbanism*

## Introdução<sup>1</sup>

Este artigo se pauta na atualização do conceito de tipologia arquitetônica, surgida em meio aos debates da retomada da dimensão histórica da arquitetura - tanto na teoria como na prática -, a partir da metade do séc. XX, correlacionando-o aos estudos da morfologia urbana e paisagem. Pressupõe de antemão, a tentativa de se elucidar a interface contida nesta tríade de conceitos, que pode ser tomada como chave de leitura de interpretação dos processos históricos e culturais da cidade.

Os escritos de Quatremère de Quincy, Giulio Carlo Argan e Marina Waisman abrem o artigo, em subsídio ao entendimento do tipo enquanto essência da arquitetura, elemento da cultura e componente da história urbana. A seguir, o entendimento da tipologia pelo estudo da morfologia urbana é abordado nas visões de Philippe Panerai, Saverio Muratori, Aldo Rossi, Carlo Aymonino, José M. Ressano Garcia Lamas, entre outros autores, em perspectiva continuada e complementar, que fazem do entendimento do conceito de tipo algo mais complexo e abrangente, em nítida expansão desse conceito. Na maioria dessas abordagens, as temáticas tipologia e morfologia urbana estão interligadas pelo âmago de suas análises. Após exposição de abrangência predominantemente europeia, e particularmente italiana, o artigo prossegue por meio dos estudos conduzidos pela arquiteta e historiadora argentina Marina Waisman, que contextualiza este debate nas cidades latino americanas, diferenciando-o e particularizando a problemática, em tela, na América Latina. As inter-relações entre tipologia, morfologia e paisagem urbana constituem o interesse da última seção deste artigo, pautada nas abordagens de Anne Cauquelin, Maria Angela Faggin P. Leite, Renata Baeso Pereira e José M. Ressano Lamas, com ênfase na temática da paisagem, recém-inserida nos estudos relativos à tipologia e morfologia urbana.

Tem-se como ponto de partida deste estudo, o entendimento das narrativas da arquitetura e do urbanismo, selecionadas para este artigo, a partir das transformações culturais, por sua vez tomadas como verdadeiros motores das mudanças materiais do edifício e da cidade (âmbito da tipologia e morfologia urbana), e dos seus significados no campo do simbólico (âmbito da paisagem).

Em meados do século XX, historiadores, filósofos e arquitetos, principalmente centro-europeus, empreenderam esforços no entendimento da cidade - a partir de seus elementos constituintes - por meio de pesquisas, estudos históricos e publicações que a trouxeram para o centro das discussões (MONTANER, 2007, p. 75). A retomada da história era, no início, uma crítica aos postulados modernistas

---

<sup>1</sup> Este artigo integra a dissertação de mestrado de Fabiano Vieira Dias do Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAU-UFES), intitulada *O pátio jesuítico no Palácio Anchieta: narrativas tipo-morfológicas e paisagísticas na cidade de Vitória (ES)*, concluída em 2014. Constitui, ainda, parte dos resultados da pesquisa Paisagem, arquitetura e cidade: fundamentação e análise, na qual participam os autores deste trabalho. O interesse por estas grandes narrativas se dá pela relação que possuem, em última instância, com o ato de projetar e o papel do arquiteto no processo de construir a cidade, em seus variados níveis de significação e técnica. Esses últimos, por fim, permeiam a história da arquitetura e do urbanismo, e têm papel primordial para o estudo da cidade contemporânea.

que buscavam criar, nas primeiras décadas do séc. XX, uma nova história urbana distante das pesquisas historiográficas. As pesquisas engendradas por nomes como Saverio Muratori e Giulio Carlo Argan, seguidos por Aldo Rossi e Carlo Aymonino, entre outros tantos, estudaram a formação das estruturas urbanas das cidades europeias a partir de levantamentos históricos de elementos-chave de sua constituição: as tipologias arquitetônicas e a construção formal dos espaços da cidade pelo estudo da morfologia urbana. Como mencionado, na América Latina, Marina Waisman conduz de modo correlato e com muitas distinções, estudos historiográficos contextualizados na realidade das cidades do continente latino-americano.

Em comum, esses autores, em visões complementares, tratam a historiografia urbana das cidades europeias ou latino-americanas, direta ou indiretamente, a partir de leituras específicas de estudos tipológicos da arquitetura e morfologia urbana. Esses estudos têm a possibilidade, mesmo independentes, de narrar a história das cidades a partir de camadas de significados sobrepostos, tal como um texto escrito. Cada cidade pode, em sua superfície e materialidade, expressar uma espécie de arqueologia vivenciada mediante seu conjunto construído edificado e natural. Esse conjunto molda, em meio aos acontecimentos e fatos, paisagens construídas, reconstruídas, esquecidas e lembradas ao longo do tempo. Deste modo, as paisagens podem ser um modo de ler a cidade, constituindo outro texto e narrativa.

Neste estudo, ainda que em notas preliminares, entende-se por grandes narrativas o potencial que temáticas distintas do campo disciplinar da arquitetura e urbanismo possuem, de forma integrada, de narrar a história da cidade, no tempo e no espaço. As narrativas seriam, nos termos de Roland Barthes, formadas por “estágios” históricos; completados então, em sua existência, por “encadeamentos”, em que a linha principal da narrativa seria alimentada por eixos verticais de acontecimentos e fatos. Esses darão, ao longo da existência da narrativa, sua significação, ou como explica o autor, “a significação não está ‘ao cabo’ na narrativa, ela a atravessa” (BARTHES *in* BARTHES, 1976, p. 26).

Portanto, as grandes narrativas da arquitetura e do urbanismo - tipologia, morfologia urbana e paisagem - são entendidas além de sua particularidade, e unidas como base do entendimento da cidade. Como narrativas urbanas, não interessam somente seus valores quantitativos, mas, tão importante quanto são seus valores qualitativos, ou seja, a origem de seus significados e como esses se relacionam e se moldam na realidade histórica de cada arquitetura e seu contexto cultural<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> É possível buscar na historiografia da arquitetura, exemplares que tenham capacidade de agrupar em seu corpo físico as características dessas grandes narrativas, ao longo do tempo e em contínuo processo de mudança. Ver exemplo do estudo realizado sobre o pátio jesuítico do antigo Colégio e Residência de São Tiago, atual Palácio Anchieta na cidade de Vitória e as correlações tipológicas encontradas neste típico prédio jesuítico brasileiro com as transformações urbanas e da paisagem da cidade. Ver em especial: DIAS, 2014 e, de forma parcial em formato de artigo em DIAS, Fabiano Vieira; CAMPOS, Martha M., 2014.

### **O tipo enquanto essência da arquitetura: De elemento da cultura à história urbana**

Entre o final do séc. XVIII e início do séc. XIX, Antoine-Chrysostome Quatremère de Quincy, no clássico *Dictionnaire d'Architecture*, introduz a noção de tipo na teoria da arquitetura, termo, segundo ele próprio, antes ligado às “artes mecânicas”<sup>3</sup>. A arquitetura, como um dos ramos das “invenções e instituições humanas”<sup>4</sup>, possui uma origem primitiva, um núcleo original ou uma “natureza das coisas”<sup>5</sup> (QUATREMÈRE DE QUINCY, 2007, p. 241-243) que se altera e modifica na medida da necessidade humana.

Essa origem, para Caniggia e Maffei, é uma construção lógica e consciente, que difere da construção arquetípica - construída no inconsciente -, sendo o tipo uma construção tanto espontânea quanto crítica (CANIGGIA e MAFFEI, 1995, p. 30). Para os mesmos autores, o tipo é um momento de entender a realidade presente e respondê-la através de uma solução concreta<sup>6</sup>. O estudo tipológico não abarca somente as partes de um objeto, e sim sua composição, como um “organismo” que sintetiza a realidade posta. O tipo seria, ainda para os mesmos, a resposta da problematização crítica da realidade, por resultar das condições locais, culturais e históricas pertencentes a um “momento temporal e a um lugar determinado”<sup>7</sup> (CANIGGIA e MAFFEI, 1995, p. 31).

O tipo pode ser entendido, por complementaridade, como explica Pereira (2012, p. 3), como a “essência de um conceito”, que nunca é a mesma, pois a origem do conceito está enraizada e determinada pela cultura e pela história como partes do tempo e do lugar onde estão inseridas. Na disciplina da arquitetura, portanto, o tipo pode ser visto como a essência do edifício, ou o que está por trás de sua “aparência individual”, segundo a autora (PEREIRA, 2012, p. 3). Trata-se, portanto, de uma “forma ideal, geradora de infinitas possibilidades, da qual muitos edifícios dissimilares podem derivar” (PEREIRA, 2012, p. 3). A autora ainda explica que o tipo se difere da tipologia por ser o objeto de estudo, de análise e comparação a partir da essência ou conceito de objeto, a parte de um todo, um “instrumento” de análise, podendo ser este, na arquitetura e no urbanismo, um objeto construído ou espacial (PEREIRA, 2012, p. 2). Assim, em consonância com Panerai, a tipologia se constitui no estudo e sistematização destes objetos em relação a

---

<sup>3</sup> Tradução livre dos autores para o original: “artes mecânicas”.

<sup>4</sup> Tradução livre dos autores para o original: “invenciones y de las instituciones humanas”.

<sup>5</sup> Tradução livre dos autores para o original: “naturaleza de las cosas”

<sup>6</sup> Caniggia e Maffei exemplificam a partir da casa enquanto tipologia: Nos primórdios da casa enquanto habitar primitivo, o construtor tinha em mente a construção de seu abrigo, da casa como uma solução contra as intempéries e os perigos da natureza. O caráter simbólico do habitar também se perfaz por uma atitude utilitária e prática, enquanto enfrentamento do problema abrigo posto frente à sua realidade. O tipo casa (em todas as suas variações possíveis), como exemplo, se enquadra como organismo a partir de sua pré-figuração, segundo Caniggia e Maffei (1995, p. 31), formada não por poucas partes, mas por um todo que une estas partes e concretiza a ideia de casa, ou seu conceito.

<sup>7</sup> Tradução livre dos autores para o original: “momento temporal y a un lugar determinado”.

outros recíprocos e próximos, devido às suas características constitutivas, ou seja, o “conjunto dos tipos e de suas relações” (PANERAI, 2006, p. 135).

Se o tipo é o instrumento pelo qual uma edificação ou um espaço (arquitetônico, urbano ou ambos) pode ser analisado em seu todo por meio de suas partes, a tipologia é, por seu turno, a maneira de categorizar, sistematizar e criar critérios, fundamentalmente comparativos, entre tipos equivalentes, tendo por base a passagem do tempo histórico e suas transformações culturais.

O conceito de tipo em Quatremère, segundo Pereira, estabelece, ele próprio, o caráter do edifício, ao se entender este caráter como sendo um “significado de marca e de traço distintivo” (PEREIRA, 2012, p. 3). Essa significação está também associada aos usos da arquitetura que se utiliza do tipo, criando assim, no sentido de tipo, uma correlação entre a função da arquitetura e o significado que esta quer transmitir também pelo tipo empregado. Ainda nos termos de Quatremère, o tipo está intrinsecamente ligado às características de cada região: Cada objeto criado pelas mãos humanas, mesmo possuindo correlatos de local para local, se adapta e se perpetua pelo “uso aperfeiçoado pelo gosto”<sup>8</sup> (QUATREMÈRE DE QUINCY, 2007, p. 243). A arquitetura, então, enquanto baseada em tipos, caracteriza-se como criação pautada também em antecedentes ou “gêrmenes pré-existentes”<sup>9</sup>, que têm sua origem na “natureza de cada região, nas noções históricas e nos monumentos mesmos da arte já desenvolvida”<sup>10</sup> (QUATREMÈRE DE QUINCY, 2007, p. 242).

Por um lado, segundo argumento atualizado de Saverio Muratori em meados do século XX, o tipo é o resultado analítico de um elemento formal da cidade, classificado de acordo com suas relações formais com esta e distante de uma “contemplação puramente estética” (MURATORI *apud* PANERAI, 2006, p. 123). Já para Argan, por outro lado, o tipo é um “processo conduzido com vistas a uma finalidade estética precisa” (ARGAN, 2004, p. 67). Em sua defesa, Argan apresenta o fato de que os tipos, na história, não estão relacionados diretamente ao uso da edificação, mas à maneira como se relacionam com o significado que querem expressar ou, aos seus “conteúdos ideológicos” (ARGAN, 2004, p. 67). Tais conteúdos se alteram ao longo da história, e é esta fluidez no valor histórico do tipo que, segundo Argan (2004, p. 67) irá validá-lo ao longo da própria história<sup>11</sup>.

---

<sup>8</sup> Tradução livre dos autores para o original: “uso perfeccionado por el gusto”.

<sup>9</sup> Tradução livre dos autores para o original: “gérmenes preexistentes”.

<sup>10</sup> Tradução livre dos autores para o original: “naturaleza de cada región, en las nociones históricas y los monumentos mismos del arte ya desarrollado”.

<sup>11</sup> A história defendida por Argan é a do “domínio do provável” (ARGAN, 1998, p. 164), pois mesmo não sendo uma ciência da certeza, ela apresenta probabilidades que asseguram sua realidade, a confirmação de algo que realmente existe, porque “é sabido que na existência individual e social há muito mais de provável que de certeza” (ARGAN, 1998, p. 164). Portanto, se a história for alguma ciência, é a ciência do provável (ARGAN, 1998, p. 164). As constatações são feitas a partir de coletas, de observações e deduções empíricas e não testadas como em um laboratório, mas, deduzidas por comparações como forma de análises para se chegar às conclusões possíveis.

Cabe mencionar que Muratori e Argan concordam, porém, que o processo de criação do tipo não deva partir de sistemas classificatórios meramente abstratos. O tipo, enquanto elemento de caráter “vago ou indistinto”, para Argan (2004, p. 67), retomando o conceito iniciado por Quatremère de Quincy no séc. XIX<sup>12</sup>, não é passível de classificações esquemáticas, apesar de poder se organizar em “três grandes categorias”, ligadas tanto às configurações formais dos edifícios quanto às questões estéticas. Sobre as categorias de Argan tem-se: “[...] a primeira das quais compreende configurações inteiras de edifícios, a segunda, os grandes elementos construtivos, a terceira, os elementos decorativos” (ARGAN, 2004, p. 67). Ainda para o autor, um tipo se estabelece a partir da presença em conjuntos de análogos formais e funcionais, ao longo da história, destacando-se entre as particularidades de cada obra (ARGAN, 2004, p. 66). Ainda segundo Argan, o tipo liga, histórica e culturalmente, obras diversas ao se transfigurar em um “esquema” que tem, em um conjunto de “formas-base”, elementos de composição formal e funcional, flexíveis o suficiente para sofrerem ao longo do tempo alterações em sua forma e conteúdo (ARGAN, 2004, p. 66-67).

Migrando para a historiografia latino-americana, Marina Waisman indica a construção do tipo como parte da construção cultural do homem em sociedade. Para a autora, da mesma forma que a cultura é um produto humano, o tipo também é “produto de sua cultura” (WAISMAN, 2013, p. 99). A arquitetura como uma das “ciências da cultura”, segundo Waisman, tem no tipo sua generalidade necessária para interligar os dois opostos significativos da disciplina: o geral e o particular (WAISMAN, 2013, p. 100). O tipo, para a autora, é o momento da arquitetura enquanto objeto particular, individualizado em sua essência, mas que precisa, ao mesmo tempo, para a determinação de seu valor enquanto parte da história, estar inserido em um meio que lhe dê validade como tal. O tipo é a essência da própria arquitetura, mas

[...] também pode ser entendido como sujeito histórico, histórico porque decorre da ‘destilação’, por assim dizer, dos elementos fundamentais de uma série de objetos históricos, e históricos igualmente, porque se insere na história ao ser capaz de aceitar transformações, de servir de base a novas invenções, mantendo, no entanto, uma continuidade que poderia ser considerada de base estrutural (WAISMAN, 2013, p. 102).

Retomando Argan (2004, p. 68), é exatamente o estado de indefinição do tipo que lhe dá uma de suas diferenças em relação ao modelo. Enquanto o modelo se apresenta pronto e definido, o tipo, ao contrário, não é uma forma pronta, mas uma imagem da mesma, “um signo” com valor que lhe é atribuído pelo seu significado (ARGAN, 2004, p. 68). Literalmente para Argan, “o tipo não tem uma determinação formal, nós devemos lhe dar esta determinação (...)” (ARGAN, 1998, p. 158); portanto, para o autor, o tipo não é uma

---

<sup>12</sup> O tipo, enquanto conceito de “vagueza” é, para Argan (2004, p. 66), a sua própria gênese criadora, e o que o diferencia do modelo, seguindo o que preconizava Quatremère: “Todo es preciso y dado en el modelo: todo es más o menos vago en el tipo” (QUATREMÈRE DE QUINCY, 2007, p. 242).

representação da história como o modelo, que é copiado em seus exemplares, mas no transcorrer das transformações históricas é que se dão as transformações dos valores no tipo (ARGAN, 2004, p. 68). Esses valores, por fim, transfiguram-se na própria função do tipo enquanto projeto<sup>13</sup>.

### **O entendimento da tipologia pelo estudo da morfologia urbana**

O fim da II Guerra Mundial traz a necessidade de se repensar os caminhos da arquitetura e do urbanismo como instrumentos de reconstrução das cidades europeias, tendo a retomada da história como parte da reconstrução da própria cultura dos países que se envolveram no conflito. Arquitetos e historiadores retomam o trajeto de autores do século anterior e do começo do século XX, na busca do estudo da história, e de outros campos das ciências humanas, como método para entender o homem em sua diversidade. Além disso, a própria crise no cerne do Movimento Moderno produz, segundo Waisman, uma “eclosão ideológica” que se prolifera em novas teorias no campo da arquitetura e do urbanismo (WAISMAN, 2013, p. 101). Ao mesmo tempo, houve necessidade, por parte dos arquitetos envolvidos, de entender e discutir a cidade e sua arquitetura e encontrar caminhos que retomassem os estudos destas disciplinas, tendo como base conceitual a história (WAISMAN, 2013, p. 101).

Para Montaner, os anos de 1960 são profícuos, devido à sobreposição de teorias que abrangem campos da psicologia, fisiologia e fundamentalmente da semiótica e fenomenologia, em busca do entendimento da arquitetura, da cidade e seus significados na história (MONTANER, 2007, p. 99). Para o autor, ainda que o estruturalismo venha mais tarde entrar em crise, se fragmentando em outras ramificações do pensamento e da crítica - “o pós-estruturalismo, o pós-moderno e a desconstrução” - seu papel foi fundamental no entendimento da arte e da arquitetura enquanto linguagem (MONTANER, 2007, p. 99). No limite, se tratava também, da crítica ao emprego dos modelos repetíveis modernos e da padronização urbana. A arquitetura unida à cidade e como parte de uma história comum, assume-se de significados diversos em suas formas, a partir de contexto caracteristicamente mais complexo, formado por um conjunto variado de textos, no processo de interpretação histórica e cultural da cidade, tal como acertadamente explica Argan (1998, p. 163).

Porém, quase dez anos antes, na esteira das contestações internas do Movimento Moderno, Panerai afirma o surgimento, em paralelo, na Itália<sup>14</sup>, dos trabalhos de Saverio Muratori sobre história e tipologia da arquitetura (PANERAI, 2006, p. 122). Seus escritos foram fundamentais para reposicionar a arquitetura ao lado da crítica do modelo de cidade vigente, que também passava por sua crise - junto com

---

<sup>13</sup> A partir de Argan, entende-se o projeto como o momento da realização de um ideal, que conecta a etapa da ideia – “atividade puramente intelectual” – à etapa da execução, “atividade manual” (ARGAN, 1998, p. 156-157). Presente tanto na arquitetura como no campo das artes, ciência, política e filosofia o projeto deixa de ser, na Renascença, algo pronto a partir dessas duas fases, que não se distinguiam uma da outra, para ser algo sistematizado, como produto de uma construção planejada e organizada da cultura (ARGAN, 1998, p. 157).

<sup>14</sup> Berço dos estudos práticos e teóricos que recolocaram a arquitetura no caminho da história da cidade.

o conteúdo da arquitetura do Movimento Moderno - ao negar o método tipológico em suas análises dos espaços construídos (PANERAI, 2006, p. 122).

Muratori desenvolve, segundo Panerai, três pontos básicos e fundamentais que vão nortear a conexão da arquitetura ao tecido urbano: a) “O tipo não pode ser caracterizado fora de sua aplicação concreta, isto é, fora do tecido urbano” - por tecido urbano entende-se o que define Panerai como sendo o conjunto de espaços públicos e o de lotes construídos que “constituem, numa primeira leitura, o negativo da cidade” (PANERAI, 2008, p. 69); b) “O tecido urbano, por sua vez, não pode ser caracterizado fora de seu contexto, isto é, fora do estudo do conjunto da estrutura urbana”; e c) “O estudo de uma estrutura urbana só pode ser concebido em sua dimensão histórica, pois sua realidade fundamenta-se no tempo por uma sucessão de reações e de crescimentos a partir de um estudo anterior” (MURATORI *apud* PANERAI, 2006, p. 122).

Os estudos de Muratori, ainda no final da década de 1950, retomam a história na análise urbana. Ao contrário da visão moderna da cidade como um todo dividido em zonas funcionais, essa é entendida por Muratori como uma totalidade, a partir de seus elementos constituintes, onde a arquitetura é somente uma de suas partes (PANERAI, 2006, p. 123). A análise de Muratori da tipologia, segundo Panerai, se desenvolve através da relação com a morfologia urbana, para a qual o autor italiano introduz o tipo como elemento de construção de seus significados ao nível, nos termos de Panerai (2006, p. 123), de “arquétipos, para mergulhar numa *análise concreta do tecido*”.

Em Muratori a arquitetura não é analisada como objeto isolado, mas em suas relações e significados que possui ao longo do crescimento urbano de uma cidade. A ideia da tipologia baseada em arquétipos, como exposto por Panerai dá, aos tipos formados, significados que extrapolam seu sentido pelo uso, pois aumentam sua permanência no tecido urbano pelas relações que são construídas ao longo da história. Panerai aponta dois níveis que fundamentam as análises tipológicas de Muratori, a partir dos significados dos tipos como elementos urbanos. No primeiro nível, tem-se o edifício em sua parcela urbana edificada e a relação de suas partes constituintes - “espaços abertos como pátios, jardins, quintais, etc” (PANERAI, 2006, p. 123) - com os espaços urbanos - “ruas, praças ou canais” (PANERAI, 2006, p. 123). Instituem-se nesse nível, as relações possíveis entre espaços abertos privados e os espaços públicos da cidade. Assim, o edifício não é o objeto isolado, mas uma parcela da cidade que se relaciona com essa por meio da permeabilidade dos espaços, entre as escalas públicas e privadas. O segundo nível de análises de Muratori, ainda de acordo com Panerai, se apresenta pela forma como se organizam os lotes no tecido urbano de uma cidade (PANERAI, 2006, p. 123). Essa organização possibilita que leituras da história da evolução urbana da cidade possam ser feitas pela própria constituição e organização destes lotes:



Conforme o período de formação, sua localização na cidade, caracterizada pelo papel fundamental dos espaços públicos, a posição dos monumentos, a lógica do adensamento e do crescimento interno, as possibilidades de associação com outras formas de tecido (PANERAI, 2006, p. 123).

Deste modo, pela perspectiva da morfologia urbana<sup>15</sup>, em Muratori, a tipologia é vista como um amálgama de relações urbanas, simbólicas e significativas, de funções e escalas que permeiam a história da cidade. Mesmo que analisado de forma isolada e retirado de seu contexto, o tipo nasce de uma relação de múltiplas possibilidades e necessidades marcadas pelo tempo histórico.

Tipologia e morfologia urbana estão interligadas pelo cerne de suas análises: ambas, segundo Pereira, estudam “duas ordens de fatos homogêneos” (PEREIRA, 2012, p. 2). Primeiramente estudam elementos constituintes da cidade - arquitetônicos e espaciais - que se sobrepõem ou se complementam de acordo com a escala de análise utilizada e, por conseguinte, a constituição da arquitetura e dos espaços urbanos em tipos específicos faz parte da própria construção física da cidade (PEREIRA, 2012, p. 2). Frente ao exposto, pode-se afirmar junto a Lamas, que os níveis de percepção da forma urbana – ou construção formal da cidade - estão, por complementaridade, na base da própria construção da imagem e significados da cidade, já que possibilitam a construção e a estruturação de sua paisagem urbana (LAMAS, 1992, p. 37).

Importante indicar o reforço da relação entre tipo, projeto e história apresentada por Argan, por meio dos estudos recentes de Panerai, nos quais o estudo analítico entre os tipos - a tipologia – é a própria compreensão da arquitetura como parte da morfologia urbana (PANERAI, 2006, p. 135). Para o autor,

Os tipos edificados são duplamente determinados, por uma cultura e por uma localização, mas tal determinação não tem nada de determinista: num dado lugar e para uma dada época, várias soluções são possíveis. A história do projeto inscreve-se nessa possibilidade (PANERAI, 2006, p. 135).

---

<sup>15</sup> Resgatando Lamas, para as definições e diferenças entre morfologia urbana e forma urbana cabem algumas explicações: a morfologia urbana é a análise da forma urbana enquanto objeto de estudo, a partir de suas “características exteriores, físicas, e na sua evolução no tempo” e, como disciplina, a morfologia urbana agrega em si não somente o ambiente construído, mas os meios pelos quais este foi construído em sua interação com a forma urbana, ou seja, os “fenômenos sociais, econômicos e outros motores da urbanização” (LAMAS, 1992, p. 38). Entender a forma urbana tem início no entendimento de seus elementos constituintes, “quer em ordem à leitura ou análise do espaço, quer em ordem à sua concepção ou produção” (LAMAS, 1992, p. 38). Isto se processa através da definição e identificação de níveis de leitura e análise específicos da forma urbana, interagindo arquitetura, o urbano e “estratégias político-sociais” (LAMAS, 1992, p. 39). Ainda para o mesmo autor, tais níveis estão relacionados tanto com o desenho urbano - enquanto construção urbana e arquitetônica - quanto com a etapa que antecede este desenho: a etapa do planejamento, com necessidades, metas e objetivos a serem alcançados. Por fim, estudar a forma urbana exige compreender o lugar onde se insere a cidade e seus elementos constituintes, conhecendo seus espaços, a inter-relação entre eles e seu contexto, em um espectro abrangente do que se chama de cidade e urbano (LAMAS, 1992, p. 39).

Panerai ainda explica que o tipo possui sentido apenas dentro de um sistema tipológico, ou seja, dentro de um “[...] conjunto dos tipos e de suas relações” (PANERAI, 2006, p. 135). Relações essas que possam dar ao tipo seu “reconhecimento social” enquanto elemento característico de um consenso perante a cidade. Relembrando Quatremère e Argan, o tipo não é a cópia exata como no modelo, ao contrário, é passível de alterações no tempo e espaço, por meio de operações que podem mudá-lo ou construir o tipo por “cruzamentos, junções ou modificações”, alterando-o, deformando-o sem modificar sua essência (PANERAI, 2006, p. 135). O consenso de um elemento enquanto tipo pode então, segundo Panerai, ser também a constatação do desaparecimento do mesmo ao longo da história (PANERAI, 2006, p. 135).

Ao se reportar às pesquisas dos italianos Aldo Rossi e Carlo Aymonino, sobre a relação entre tipologia e morfologia urbana, encontra-se o tipo entendido como um dos fenômenos urbanos que constroem a história da cidade. Para Rossi, por princípio, a cidade é parte natural da existência humana, sua forma junto à arquitetura, de transformar a natureza (ROSSI, 1992, p. 77). Portanto, o tipo como um dos fenômenos urbanos, está presente na origem das aglomerações, organizadas em torno das primeiras habitações, palácios e templos e suas variações tipológicas que se basearam “segundo a necessidade e segundo a aspiração da beleza”<sup>16</sup> (ROSSI, 1992, p. 78). Rossi ressalta que essa abordagem está presente em várias sociedades que se basearam na união entre a “forma e o modo de vida”<sup>17</sup> (ROSSI, 1992, p. 78).

Para Rossi, se a arquitetura enquanto fenômeno urbano é uma constante na história da civilização - em uma interpretação do pensamento de Quatremère - com suas variações históricas e culturais, ela pode ser entendida como estrutura que se repete como um modelo (ROSSI, 1992, p. 79). A arquitetura por si só seria o modelo, ou a forma humana de intervir na natureza, quando por meio de suas edificações. O tipo, para Rossi, somente existe enquanto tal a partir de uma “rede de relações tipológicas” que o define fisicamente em suas relações arquitetônicas e, significadamente, a partir de suas relações com o entorno. Assim, para o mesmo autor, o tipo está na essência da criação da arquitetura e, por conseguinte, na formação primitiva das cidades e de seus fenômenos urbanos como uma constante histórica (ROSSI, 1992, p. 79). Rossi defende o tipo enquanto uma formação lógica para a qual “nenhum tipo se identifica com uma forma, mas todas as formas arquitetônicas são remissíveis aos tipos”<sup>18</sup> (ROSSI, 1992, p. 79). Mas, ao mesmo tempo, o tipo se constitui em algo que ainda é determinado por relações dialéticas “com a técnica, com as funções, com o estilo, com o caráter coletivo e o momento individual do fenômeno

---

<sup>16</sup> Tradução livre dos autores para o original: “según la necesidad y según la aspiración de belleza”.

<sup>17</sup> Tradução livre dos autores para o original: “forma y al modo de vida”.

<sup>18</sup> Tradução livre dos autores para o original: “Ningún tipo se identifica con una forma, si bien todas las formas arquitectónicas son remisibles a tipos”.

arquitetônico”<sup>19</sup> (ROSSI, 1992, p. 80). Campos, em acordo com Rossi, reconhece validade de se pensar o tipo na contemporaneidade, considerando que por princípio, “cada nova construção – tipo arquitetônico – deve relacionar-se com a morfologia (...) em que se insere, numa relação formal que, por ser invariante e histórica, é, portanto, passível de ser reconhecida e descrita” (CAMPOS, 1994, p. 54).

Para Panerai, os estudos de Aymonino continuam e completam o trabalho de Muratori, iniciado em finais de 1950, ao interpretar a cidade moderna e contemporânea como “conjunto de edifícios radicalmente diferentes daqueles que os precederam (...)” (PANERAI, 2006, p. 123 e 124). Nos termos de Aymonino, as tipologias que caracterizam as edificações contam a própria história da cidade através de seu conjunto formal, mas não como uma das “categorias dos fenômenos urbanos”, tal como proposto por Rossi. Aymonino defende as tipologias como um “instrumento” (AYMONINO *apud* PANERAI, 2006, p. 124) de identificação destes mesmos fenômenos na cidade, já que a única constância do tipo na morfologia urbana é sua possibilidade de “redefinições em função da pesquisa” (AYMONINO *apud* PANERAI, 2006, p. 124). O tipo, para Aymonino, como explica Panerai, é o meio e não o fim em si mesmo como construção da morfologia urbana (PANERAI, 2006, p. 124). A cidade não é, portanto, devedora exclusivamente das tipologias em sua construção formal. Essas são parte de um processo histórico, no qual dividem sua importância com os elementos de estruturação urbana e os processos de crescimento que marcam a cidade no tempo (PANERAI, 2006, p. 124-125).

O que interessa a Aymonino é entender a cidade a partir de suas “rupturas”, afirma Panerai; aqueles momentos marcados na história urbana em que as formas, pelos tipos ou não, se alteram pela própria dinâmica da cidade (PANERAI, 2006, p. 125). A relação do tipo com a cidade é uma relação de escala, que se alterna na mesma medida em que se muda a escala da forma urbana na história, ao ponto, segundo Aymonino (*apud* PANERAI, 2006, p. 125), de esta forma transformar-se em um verdadeiro fenômeno urbano, por conta de suas sucessivas modificações e rupturas.

Montaner alerta, em acordo com os demais críticos contemporâneos de arquitetura que analisaram o uso das tipologias nas últimas décadas, do perigo de transformar os tipos em uma metodologia formal fechada em si e que não trabalha com sua própria flexibilidade de significados. O trato meramente formalista do tipo, dissociado de seus significados sociais, históricos e culturais, leva-o para o caminho da degeneração de seu significado na arquitetura e no urbano, ao ser usado, indiscriminadamente, como peça de um jogo de montar estético ou aplique de composições formais, em contextos diversos que fabricam outra história, conclui o autor (MONTANER, 1999, p. 136).

---

<sup>19</sup> Tradução livre dos autores para o original: “con la técnica, con las funciones, con el estilo, con el carácter colectivo y el momento individual del hecho arquitectónico”.

A preocupação exposta acima, ainda que factível, não exige a necessidade de, ao se estudar o tipo, basear-se em métodos que possam unificá-lo ao tecido urbano, como parte de seu próprio constructo<sup>20</sup>. A tipologia edificada e a morfologia da cidade se fazem unas, na mesma medida em que se defende a arquitetura como parte do contexto da cidade, como um de seus fenômenos urbanos (AYMONINO *apud* PANERAI, 2006, p. 124).

No conjunto das notas deste artigo, cabe parêntese sobre o entendimento de tipologia empreendido até o momento, aproximando-a da realidade da América Latina, em sua influência como antiga colônia europeia. Esta aproximação se baseia nos estudos críticos de Marina Waisman, quanto à inserção da tipologia arquitetônica nas abordagens historiográficas sobre cidades da América Latina. As análises engendradas até o momento compreenderam um espectro de conceitos eurocêntricos, cuja relação entre tipologia e morfologia se processou de forma mais lenta e gradual do que nos países da América Latina, onde o tecido urbano mais recente ainda está sob o “impacto que a tipologia causa na morfologia urbana” (WAISMAN, 2013, p. 117). Para a autora, as cidades da América Latina ainda não têm a totalidade de seu espaço consolidado, ao ponto do tipo ser exclusivamente influenciado pela morfologia ainda em construção. Mas há também, para Waisman, a possibilidade contrária, da tipologia na América Latina possuir “sua capacidade para criar ou para destruir um entorno adequado para a vida urbana” (WAISMAN, 2013, p. 117).

A correlação entre tipologia, sua origem e aplicabilidade é apresentada por Waisman de forma mais cautelosa quanto à sua relação direta com o entorno, ou com a morfologia urbana na construção das cidades da América Latina. A autora alerta que a análise tipológica depende do “juízo histórico”, ou da maneira como a relação entre a tipologia e a morfologia urbana se estabelece no espaço e no tempo, onde as transformações influenciam ou são influenciadas pelo tipo, em “sua caracterização funcional dentro da cidade” (WAISMAN, 2013, p. 117). Além disso, esse juízo possui como fio condutor as “pautas que o observador considerar positivas para o desenvolvimento da cidade em questão” (WAISMAN, 2013, p. 117). Torna-se importante, então, entender não somente as relações de origem entre o tipo e a morfologia urbana, mas como essas mesmas foram, ao longo do tempo, se transformando e influenciando um ao outro. Apresenta-se, então, um ponto fundamental na análise dos tipos trazidos das metrópoles, inseridos e transformados nos núcleos urbanos das colônias latino-americanas, como parte de sua própria construção urbana:

---

<sup>20</sup> Por exemplo, para o desenvolvimento da dissertação de mestrado de um dos autores, já citada neste trabalho - intitulada *O pátio jesuítico no Palácio Anchieta: narrativas tipo-morfológicas e paisagísticas na cidade de Vitória (ES)* - se fez necessária aplicação de metodologia baseada em estudo empírico de Philippe Panerai, em seu livro “Análise urbana”. Neste livro, o autor estuda o tipo a partir de suas relações de semelhança com seus iguais e a correlação histórica com o urbano. Para as quatro fases desenvolvidas por Panerai, a referida dissertação acrescentou uma quinta, que une, também a partir de análises empíricas, a tipologia e a morfologia urbana à paisagem.

O fato arquitetônico que, originalmente, impondo seu próprio significado, contribuiu para construir a imagem da cidade, depende em cada momento, no entanto, para a determinação de tal significado, do mutável desenvolvimento da estrutura funcional da cidade (WAISMAN, 2013, p. 117-118).

A autora diferencia os tipos desenvolvidos em cada região a partir da relação entre metrópole *versus* colônia. Inicialmente, concordando com Argan quanto ao entendimento do tipo como signo - portanto, algo que possui um significado atribuído -, ela alerta que a construção dos “signos arquitetônicos” não é uma produção coletiva, e sim, “nasce das mãos de grupos de decisão” (WAISMAN, 2013, p. 122). Tais grupos também constroem - segundo Waisman, ao seguir Barthes - “anseios e nostalgias, as aspirações e os sonhos” que moldam a “massa falante” (WAISMAN, 2013, p. 122). Os grupos de decisão terminam por construir o entendimento e a aceitação dos signos que são impostos a essa “massa falante”, concluindo-se junto à autora. Por esta lógica, nos termos de Waisman, cabe aos grupos de decisão interpretar as necessidades simbólicas da massa, transformando-as em signos aceitáveis pela linguagem vigente. Ao mesmo tempo, como explica a autora, esta construção de signos arquitetônicos pode ser feita por indivíduos imbuídos em transformações estruturantes desta mesma linguagem vigente. Têm-se, portanto, mediante explicação de Waisman, tanto grupos como indivíduos que surgem para precipitar ou condensar as “formas de interpretar a realidade, próprias da cultura de uma época” (WAISMAN, 2013, p. 123).

O significado das tipologias, então, estaria centrado em sua característica como signo arquitetônico, como expressão da linguagem da arquitetura que, segundo a autora, acompanhou, desde o séc. XVI as transformações nas relações entre o signo e o significado. Transformações que, além de separarem um do outro chegam aos dias atuais em seu estágio de total fragmentação - após a tentativa do início do séc. XX de unificar, pelas artes, “essa função universal da linguagem” (WAISMAN, 2013, p. 124) – e podem ser divididas em dois tipos de estrutura de significação tipológica, como explica a autora, “do ponto de vista morfológico” (WAISMAN, 2013, p. 125). Uma dessas estruturas é a construção tipológica da metrópole europeia, já sedimentada, estruturada ou “estrutural”, como denomina a autora, onde sua linguagem “destaca - ou produz diretamente - a estruturação do espaço” (WAISMAN, 2013, p. 125). Outra, contrária, pode ser encontrada nas Américas, onde a tipologia de origem europeia passa por influências locais, desestruturando a construção do espaço. Esta tipologia denominada por Waisman por “a-estrutural”, não constrói mais um espaço homogêneo e secular como nas cidades europeias sobre séculos e séculos de transformações de seu tecido urbano (WAISMAN, 2013, p. 125). Tal como pondera Waisman, o campo aberto e vazio da terra nova das Américas abre possibilidade das tipologias europeias ganharem outros significados.

O tipo, pelos termos da autora, se perfaz, então, como meio de entender a evolução histórica e urbana principalmente nas cidades latino-americanas, na medida em que se modificaram com o próprio modificar funcional local, como aponta afirmativamente a mesma. Por esta relação, o tipo se estabelece eficazmente, em sua flexibilidade, como elemento de análise metodológica da constituição formal e histórica cidadina. Em última instância, é a mutabilidade da estrutura funcional que permite a elucidação do significado do tipo tomado como signo.

### **As inter-relações entre tipologia, morfologia e paisagem urbana**

Parte-se do pressuposto de que a paisagem é o resultado narrado da interferência humana sobre a natureza, em suas diversas escalas, modos e significados. Ao se falar de cidade, fala-se historicamente da forma indelével do processo no qual o homem age sobre a natureza. Toma-se assim, a construção da história urbana como fato humano, e vice-versa. A cidade torna-se paisagem mediante o recorte da natureza pelo olhar estetizante do homem, como afirma Cauquelin: a cidade, portanto, “participa da própria forma perspectivista que produziu a paisagem” (CAUQUELIN, 2007, p. 149). Absorver a paisagem com todas as sensações corpóreas - “visual, auditiva, tátil ou olfativa” - faz transcendê-la de seu estado primevo de natureza e alcança um nível mais elevado da cultura particular e coletiva, um novo estado inserido na história e no tempo, pondera a mesma autora (CAUQUELIN, 2007, p. 149).

Leite apresenta outra possibilidade de entendimento da paisagem a partir da compreensão da cidade como construção da “criatividade humana” (LEITE *in* REVISTA PAISAGEM E AMBIENTE, 1991, p. 45). Para a autora, o fato da paisagem, seus significados e valores serem marcados pela história e pelo tempo, caracteriza-a tanto como uma construção concreta - “um fato físico, objetivo e categorizável...” -, quanto como um “processo criativo contínuo” (LEITE *in* REVISTA PAISAGEM E AMBIENTE, 1991, p. 45). Prosseguindo com Leite, a paisagem não se apresenta fixa na história, pelo contrário, retroalimenta-se por esta e pela cultura que marca o momento histórico, seja por meio da construção cultural do indivíduo que descortina a paisagem, ou da coletividade que se constrói culturalmente junto desta (LEITE *in* REVISTA PAISAGEM E AMBIENTE, 1991, p. 45).

Na perspectiva de inter-relacionar tipologia, morfologia urbana e paisagem, propõe-se correlação com os estudos de Waisman do tipo como parte da arquitetura, e desta última, como uma das “ciências da cultura”, como visto anteriormente nos termos da autora. Os tipos, assim como a paisagem, ultrapassam sua fisicalidade, contudo são materialidades: A construção de ambos – tipo e paisagem - é uma tarefa cultural, variável no tempo e na história, e de acordo com valores cognitivos e processos técnicos, construtivos e de representação de cada sociedade. A diferença pode estar, seguindo pensamento de Leite, na efemeridade da existência da paisagem:

A paisagem, ao contrário de outras artes, é efêmera. Seus princípios de organização, assim como os da arquitetura, da pintura, da música e da literatura, são constantemente questionados e modificados pela evolução da sociedade, e das ciências e das técnicas. Entretanto, essas outras formas de arte possuem um tipo de registro que permanece através dos tempos, o que não acontece com a paisagem que, ao assumir novas feições, anula as anteriores ou conserva delas apenas alguns vestígios (LEITE in REVISTA PAISAGEM E AMBIENTE, 1991, p. 46).

A paisagem da cidade formada pela relação “entre sua forma e nós” escapa da noção de natureza idealizada como paisagem para a concretude do tecido urbano, que se moldou (ou se emoldurou) pelas transformações arquitetônicas e espaciais da ação humana (CAUQUELIN, 2007, p. 149). Pode-se, portanto, associar o espaço urbano ao território de sua inserção: Aquele espaço que circunda e define a cidade como resposta às influências humanas sobre a terra. Com isso, aproxima-se a forma urbana do seu “suporte geográfico” (LAMAS, 1992, p. 63). Cada lugar ou sítio induz uma forma, e esta forma desenha a cidade e sua paisagem construída, como explica Lamas (1992, p. 63). Arquiteturas e espaços urbanos convergem para a construção de uma paisagem urbana, que toma da natureza elementos que a própria arquitetura emoldura.

Defende-se a paisagem como uma construção cultural da natureza, que nasce, portanto, do recorte da natureza por meio de um olhar que pode ser ordenado pelos sentidos/sentimentos/valores ou do método analítico (RIBEIRO, 2007, p. 50). Por ser, sobretudo, uma construção humana, a paisagem está conectada à forma urbana por meio “das características do sítio, do traçado, das construções, da existência ou não da vegetação, do parcelamento do solo, dos logradouros, das praças e parques”, na explicação de Aragão (ARAGÃO, 2006, p. 35).

Para Lamas, a história urbana pode ser contada pela relação “eminente dialética entre cidade e arquitetura, entre forma urbana e edifícios” (LAMAS, 1992, p. 86). Ou seja, como define o autor, entre a relação da tipologia edificada que “determina” a forma urbana ou da forma urbana que é “condicionada” pela tipologia edificada (LAMAS, 1992, p. 86). Pode-se, portanto, por complementaridade, afirmar que esta relação dialética também constrói paisagens pelas transformações da cidade, seja pela ocupação de novas áreas conquistadas sobre a natureza ou áreas naturais de expansão, seja pela renovação do tecido urbano ou de suas tipologias edilícias. No limite, a paisagem é sinônimo de mudança.

O passar do tempo testemunha o processo de transformação da cidade, da modelagem de sua forma urbana em imagens e paisagens que se modificaram culturalmente, de modo permanente e ininterrupto. Esse processo tem na cultura, ou no desenvolvimento cultural de seus constituintes, o elo que constrói os significados das partes no todo da cidade. A cidade como um dos lugares mais expressivos da cultura humana, parece constituir ainda, o lugar das grandes narrativas da arquitetura e do urbanismo, que se

inserir como produtos culturais deste mesmo homem urbano. As cidades expõem, em maior ou menor medida, o passar do tempo, a qualidade e a forma do espaço e a paisagem que foi modelada, transformada e re-significada pelas transformações urbanas e de conteúdo da sociedade.

### **Conclusão**

A despeito do aparente anacronismo do debate acerca de grandes narrativas na contemporaneidade, em distintas áreas de saberes e conhecimentos, os resultados deste estudo indicam em notas preliminares, perspectiva promissora de renovação dos estudos arquitetônicos e urbanos a partir da análise do tipo, inexoravelmente relacionada com questões advindas da morfologia urbana e paisagem, e impreterivelmente multidisciplinar. Eis sua distinção: estudar grandes narrativas da arquitetura e do urbanismo na interface de campos disciplinares que tomam a cidade em sua dimensão cultural. Assim, tem-se como ponto de partida e chegada deste trabalho, o entendimento das narrativas da arquitetura e da cidade selecionadas para este artigo a partir das transformações culturais, tomadas como verdadeiros motores das mudanças materiais do espaço do edifício e da cidade (âmbito da tipologia e morfologia urbana), e dos seus significados no campo do simbólico (âmbito da paisagem). Assim como explica Leite, a paisagem muda constantemente conforme o conteúdo cultural vigente, contudo, quando inserida no meio urbano, a produção da paisagem se liga temporalmente à construção da tipologia e morfologia urbana.

Por fim, se as transformações urbanas trazem novos elementos culturais materiais e imateriais às paisagens das cidades, que por sua vez são construídas pelo gosto vigente, técnicas construtivas, disponibilidade de materiais e mão-de-obra, normas edilícias, simbologias e critérios outros, em seus diferentes níveis culturais, pode-se concluir que as tipologias assim como as morfologias são construções históricas impregnadas de valores culturais relacionados às construções das paisagens.

Neste sentido, as notas contidas neste artigo propõem uma visada transversal de interligação entre três grandes narrativas da arquitetura e do urbanismo, ou em último grau, da arquitetura como parte da cidade, em seu aspecto urbano e paisagístico, onde o tipo associado a sua dimensão cultural é o objeto de análise inicial. A partir deste pressuposto, subjaz-se a ligação do estudo do tipo pelo entendimento das relações espaciais que o rodeiam: De como a análise tipológica participa da construção formal da cidade e a ela se remete e, como sua construção física e de significados interfere, constrói, reconstrói e substituem paisagens como marcas do tempo e da história.



## Referências bibliográficas

- ARAGÃO, Solange de. **O estudo dos tipos – interfaces entre tipologia e morfologia**. Florianópolis, SC: Revista Geosul, v. 21, n. 42, julho/dezembro de 2006.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Clássico anti-clássico: o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Projeto e Destino**. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- BARTHES, Roland *et al.* **Análise estrutural da narrativa. Pesquisas semiológicas**. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1976.
- CAMPOS, Martha M. **Vitória pelo viés labiríntico de Creta: arquitetura, cidade, pós-moderno**. 1994. 119 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.
- CANIGGIA, Gianfranco; MAFFEI, Gian Luigi. **Tipologia de La edificación. Estructura del espacio atropico**. Madrid: Celeste Ediciones, S. A., 1995.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.
- DIAS, Fabiano Vieira. **O pátio jesuítico no Palácio Anchieta: narrativas tipo-morfológicas e paisagísticas na cidade de Vitória (ES)**. 2014. 250 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- DIAS, Fabiano Vieira; CAMPOS, Martha M. . **Contributions to the study of urban morphology: morphological, typological and landscape interrelationships in Brazilian Jesuit architecture**. In: 21st International Seminar on Urban Form - ISUF2014, 2014, Porto. 21st International Seminar on Urban Form - ISUF2014, 2014.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1992.
- LEITE, Maria Angela Faggin P. **A paisagem, a natureza e a natureza das atitudes do homem**. Revista Paisagem e Ambiente. São Paulo: Departamento de projetos – FAU-USP, V. 4, p. 45-66, 1991.
- MONTANER, Josep Maria. **Arquitetura e crítica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 2007.
- PANERAI, Philippe. **Análise urbana**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A prática do urbanismo**. Revista de Urbanismo e Arquitetura, América do Norte, 4, set. 2008. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/rua/article/view/3117>. Acesso em: 11 fev. 2013.
- PEREIRA, Renata Baeso. **Tipologia arquitetônica e morfologia urbana**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitetextos/13.146/4421>. Acesso em: 7 ago. 2012.
- QUINCY, Quatremère. **Diccionario de Arquitectura: voces teóricas**. Buenos Aires: Nobuko, 2007.
- RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: Iphan/Copedoc, 2007.
- ROSSI, Aldo. **La arquitectura de La cuidad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SL, 1992.
- WAISMAN, Marina. **O interior da história: historiografia arquitetônica para uso de latino-americanos**. São Paulo: Perspectiva, 2013.